

## **Arte na Pedagogia: processos educativos de poetizar, fruir e conhecer arte As surpresas do poetizar, fruir e conhecer arte**

*Privilégio dos ventos:  
semear  
as borboletas!  
(Manoel de Barros, 2011).*

Ao modo do poeta Manoel de Barros em *Escritos em verbal de aves* (2011), semeamos palavras em convites-textos para voar, e criar e colher sementeiras outras... É esse o desejo do dossiê *Arte na Pedagogia: processos educativos de poetizar, fruir e conhecer arte*. Reunimos renomadas/os professoras/es de Arte dos cursos de Pedagogia do Brasil, expondo as suas práticas, falando sobre os trabalhos que realizam na formação cultural e artística de professoras/es das crianças brasileiras, nos diversos Estados de nosso país. Como profissionais da educação, reiteram o valor da arte na formação do/a pedagogo/a como potência de um exercício docente sensível, inventivo, crítico e interdisciplinar.

Focamos o dossiê no tema das práticas por acreditarmos que essa seja a esfera mais provocativa para o entendimento das realidades, convocando nossas responsabilidades como profissionais da Educação para com os contextos específicos e seus sujeitos, assim como com os valores e os conceitos da área de Arte. Ter as práticas como tema provocador principal convoca subtemas que tratam de identidades, territórios, experiências diversas, pois elas endereçam o debate para múltiplas formas de teorizar, investigar e ensinar.

De fato, a dimensão da prática tem ligação intrínseca com a reflexão e a pesquisa, representando em si a possibilidade de transformação das perspectivas coloniais para um fazer de pedagogias anticolonialistas e críticas. Olhar para as práticas e refletir sobre elas significa para nós, autoras/es aqui reunidas/os, reconhecer a importância da escola e da universidade, da criança, do/a adolescente, do jovem, do nosso ofício de professor/a e do momento do encontro-

aula, mediante o desejo de aproximação com os/as estudantes para uma relação de respeito, baseada no reconhecimento mútuo.

Cada autor/a aqui presente tem seu modo singular e surpreendente de apresentar às/aos leitoras/es as práticas vividas e suas variadas possibilidades de projetos, fazeres, produções, expedições culturais, bem como os conceitos que fundamentam seus programas; autores/as e artistas que fundamentam e inspiram metodologias, objetivos, conteúdos estudados, modos de avaliar e de refletir.

O dossiê é ofertado a todas as pessoas interessadas em Educação, Arte e no campo da formação de professores e, em conformidade com tão amplas temáticas, expressa uma homenagem *in memoriam* à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Felisminda de Rezende e Fusari – Mariazinha, como era carinhosamente chamada –, por sua intensa atuação política em defesa do ensino de Arte no curso de Pedagogia. Ela foi porta-voz da necessidade da implantação da disciplina de Arte nesse curso em variados momentos, tais como: nas conclusões do I Congresso Nacional de Arte e Educação/Salvador em 1983; no Manifesto de Diamantina, em 1985; na Carta de São João Del-Rei, em 1986; no Manifesto dos Arte-Educadores do Estado de São Paulo, em 1987 (MARTINS; LOMBARDI, 2015, 2020).

Além de seu trabalho cotidiano como professora do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo (USP) e da luta política que se dava em conjunto com sua parceira Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, Mariazinha produziu livros que são até os dias de hoje fundamentação teórica essencial em nossa área: *Arte na educação escolar*, publicado em 1992, teve sua quarta edição em 2010, e *Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições*, publicado em 1993, teve sua terceira edição, revisada e ampliada por Heloísa Ferraz, publicada em 2018.

Outra força gigantesca e iluminada que se soma ao dossiê é a da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Mae Barbosa, reconhecida como a professora-pesquisadora mais importante de nosso país no campo da Arte/Educação, que aceitou nosso convite para escrever o prefácio. Tendo sido professora, orientadora de muitas/os profissionais

da área e autora de referência para todas/os nós, Ana Mae influencia grande parte das discussões contemporâneas no campo da Arte/Educação e ressoa pelos textos ao longo do dossiê.

As questões deste campo de conhecimento são abordadas nos artigos a partir de múltiplas perspectivas, ofertando contribuições, referenciais e estabelecendo diálogos que nos aproximam e enriquecem sobremaneira a tarefa de formar cultural e artisticamente professores/as.

O convite é para uma leitura rizomática, articulando as práticas e os conceitos que os fazem nascer em processos vividos com os/as aprendizes, futuros professores/as. O rico, largo e profundo material que compõe este dossiê nos fez ver ângulos que guardam o calor da inventividade, do desassossego, da incerteza, do encantamento de quem ama o que faz e para quem faz.

Em todos os textos, encontramos a escuta e a voz das/os aprendizes, o olhar sobre e junto com a criança – compreendida como inventiva, protagonista, curiosa, exploradora, brincante –, a prática como um processo vivo, a avaliação como espaço de criação e reflexão, tanto para os/as estudantes como para os/as professores/as. Mesmo com esses entrelaçamentos, ousamos fazer agrupamentos, na tentativa de construir uma cartografia que possibilitaria outros decalques, outros tantos desenhos.

Assim, compomos a parte I com os textos de Mirian Celeste Martins, Olga Egas, Marcia Strazzacappa e Ana Paula Abrahamian de Souza, que, para realizar a composição da escritura ou mesmo para conduzir suas práticas, fizeram uso de metodologias específicas de escuta das/dos estudantes, tais como a narrativa e a observação. Todos os artigos explicitam que a escuta das/dos estudantes é componente intrínseco da docência e da construção das práticas, sendo que cada autor/a revela esse aspecto a seu modo. Entretanto, os quatro artigos aqui destacados são compostos neste viés de pensar e refletir sobre os dados.

Olhar os desenhos a partir das observações das/os estudantes, chamadas/os de “aspirantes a professor/a”, como provoca Rita Irwin, é, para Mirian Celeste Martins (Universidade Presbiteriana Mackenzie), em *De ponta-cabeça: descobrir percepções sensíveis pelos olhos de aspirantes a professores*, girar sobre um objeto tão conhecido e estudado para encontrar aspectos nem sempre evidentes. Na encomenda de observar crianças desenhando, surpresas e descobertas são feitas ao perceberem as histórias presentes nas garatujas, as invencionices figurativas e também a frustração de não saberem desenhar os heróis amados. Parece que só depois das observações compartilhadas e analisadas conjuntamente é que os conceitos e as várias perspectivas teóricas e metodológicas surtem o efeito esperado de gerar novas compreensões sobre a produção infantil, a potência transdisciplinar da arte e as possíveis intervenções para que as linguagens artísticas não sucumbam ao duro cotidiano escolar. Essas descobertas reverberam também nas ações poéticas vivenciadas ao observarem a si mesmas como criadoras, produtoras e leitoras, insuflando a pesquisas e mergulhos na arte e na cultura.

Olga Egas (Universidade Federal de Juiz de Fora) nos convida a mergulhar com ela em suas aulas, na proximidade de quem também sente o “friozinho na barriga” de quem ama ser professora. No artigo *Desaprendizagens permanentes: experiências com a Arte na Pedagogia*, entre o primeiro e o último dia de aula dos encontros semanais da disciplina *Fundamentos Teórico-Metodológicos em Arte I* no curso de Pedagogia, Olga apresenta proposições que impulsionam poéticas pessoais, que proporcionam visitas culturais, que focalizam conceitos e ideias para o futuro. A voz das estudantes aparece em sensíveis avaliações sobre a pertinência de refletir sobre educação, docência e arte; sobre a percepção pessoal do que aprenderam; sobre o que gostaram e as possíveis conexões com o dia a dia; além de responderem sobre se passaram a outros/as o conhecimento construído na disciplina. Boas perguntas que dão a ver o pensamento, as sensações, as intuições, as descobertas e as surpresas e que testemunham a potencialidade das/dos estudantes, sem as/os subestimar. Por isso, a atitude de

Olga de “ir junto e acreditar no que já está lá” é um legado humano e sensível de quem acredita na potência de cada uma e de cada um que conosco convivem nos cursos de Pedagogia.

Como professora da disciplina *Educação, corpo e arte* do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, criada em 1998, Marcia Strazzacappa (Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP) retoma os textos escritos em sua trajetória e nos traz o artigo *Criação e avaliação em Arte na formação de professoras*. Avaliar não é tarefa fácil. O primeiro ponto que chama a atenção é o fato de criar mecanismos administrativos e acadêmicos para fortalecer a presença obrigatória para que estudantes curse presencialmente e participem ativamente da disciplina. “Somente a presença física de estudantes permite que as pessoas vivenciem processos de criação coletiva, permite a consciência de sua individualidade, ao ser um corpo único e, ao mesmo tempo, a compreensão de sua pluralidade ao fazer parte de um corpo coletivo.” Acrescenta a inspiração, a ação e a criação ao estruturar a disciplina em duas partes: “pitadas de arte” e “pondo a mão na massa”, e a apresentação, apreciação e discussão da criação coletiva a partir de um mote propulsor. A avaliação constante, “compreendida como parte do processo de aprendizagem”, é desvelada pela sua potente reflexão, para que as/os estudantes “tenham a clareza daquilo que cabe às ciências e daquilo que cabe ao ensino de arte e, com isso, valorizem a presença de ambos os conhecimentos de forma equilibrada na formação de crianças de zero a dez anos de idade”.

Ana Paula Abrahamian de Souza (Universidade Federal Rural de Pernambuco), em seu artigo *O corpo e o movimento na formação em Pedagogia: o papel das histórias de vida e das memórias corporais como um campo de experimentação e reflexividade*, aborda a formação para atuação com a linguagem corporal na e para as infâncias combatendo discursos cristalizados, que tomam como premissa o corpo homogêneo, único e docilizado e higienizado. Trabalhando com o corpo enquanto linguagem e com a Dança como componente curricular, neste artigo, a professora-pesquisadora toma como eixo as memórias e as

histórias de vida dos/das discentes para promover uma reflexão sobre o corpo e o movimento no curso de Pedagogia. Abordando a formação de professores em uma perspectiva participativa e crítica, valoriza a escuta atenta sobre os contextos das/dos estudantes a fim de estudarem juntas/os suas corporeidades. Com base em práticas nas quais o/a docente é reflexivo/a, propositivo/a e revolucionário/a em seu fazer, Ana Paula avança no campo dos estudos do corpo na formação docente, evidenciando a importância das experimentações corporais na formação de futuras/os pedagogas/os para que se faça um trabalho educativo afetivo, cultural, lúdico, artístico e ético com os corpos das crianças nas escolas.

Na parte II estão os artigos escritos por Fabiana Vidal, Jessica Makino, Lucia Lombardi e Francione Carvalho, que nos movem para experiências fora da sala de aula, em expedições culturais com as/os estudantes que são construídas coletivamente a fim de despertar corpos e mentes para os aprendizados que nascem do contato com o patrimônio cultural, com territórios das artes, com a diversidade de culturas, obras, artistas e processos de criação.

O artigo *Experiências estéticas/culturais na/para a formação de professores(as): pistas, recortes e rastros de um percurso investigativo no curso de Pedagogia da UFPE*, escrito por Fabiana Souto Lima Vidal (Universidade Federal de Pernambuco), apresenta um trabalho construído com base em vizinhanças ecléticas de perspectivas teóricas para pensar sobre a expansão de repertório de culturas e estéticas – ambas no plural e de forma não hierarquizada – na formação inicial de professoras/es. Adotando a perspectiva do viajante e a ideia do *flâneur*, Fabiana engendra uma jornada de observação de seu próprio lugar de docência e de equipamentos culturais de Recife, para a qual não foram delineados roteiros fixos, por entender que as questões de estudo tomariam sentido e corpo com a própria imersão, com a abertura para as surpresas do caminho. Ao modo de Manoel de Barros, a professora-pesquisadora confia que nos desvios é que se encontram as melhores surpresas e analisa o compromisso de todos/as os que atuam na formação de professoras/es em proporcionar

momentos formativos, estéticos, culturais que derrubem as paredes das salas de aula, extrapolando suas fronteiras para que existam experiências na formação docente de diferentes práticas estéticas/culturais.

Também falando em avançar para além do espaço da sala de aula, o artigo *Além dos muros da escola*, de Jéssica Makino (Universidade de São Paulo), aborda as expedições culturais que promove como docente da disciplina *Arte e Música na Educação*, no curso de Licenciatura em Pedagogia, inspiradas nas ideias de expedições científicas e aulas-passeio. A professora-pesquisadora descreve as expedições realizadas pelas cidades de Ribeirão Preto e São Paulo, que mesclam construções de conhecimentos nas linguagens das Artes Visuais e da Música. Ela nos dá acesso aos modos de preparo para a saída, aos roteiros desafiadores que cria para as explorações das/dos estudantes, às formas de registro, às reflexões e à avaliação, inclusive pensando que estudantes da Pedagogia podem aprender sobre como as expedições poderão ser realizadas com as crianças nas escolas, no futuro. Jéssica observa o quanto proporcionar às/aos estudantes trabalhos em campo é algo muito valorizado no âmbito da universidade, dada a qualidade do conhecimento construído nesse tipo de ação e o ato de firmar posição em locais que a princípio poderiam parecer inacessíveis. Com esse trabalho, a professora evidencia a relevância da luta para superação de barreiras de acesso, tidas como “falta de oportunidade”, principalmente pela parte menos favorecida da população, que costuma ter sua presença invisibilizada na cidade. O artigo revela que a transposição pelas/os estudantes de linhas abissais, demarcações territoriais invisíveis que separam um grupo social de outro, gera profundas reflexões para a formação docente.

Sobre a realização de expedições culturais, o artigo *Estudantes de Pedagogia em expedição ao ateliê do artista contemporâneo: encontramos o leão na selva*, de Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (Universidade Federal de São Carlos), apresenta e analisa expedições artísticas para o híbrido galeria/ateliê do artista Ernesto Ferro, de Sorocaba, cidade onde se localiza a universidade.

Desde 2013, elas têm sido realizadas como parte da formação cultural e artística de futuros/as pedagogos/as, no âmbito da disciplina *Metodologia do Ensino de Arte*. A autora destaca a importância da ampliação de repertórios por meio da nutrição estética e o compromisso de atuação dos/das pedagogos/as como primeiros/as mediadores/as culturais da vida de crianças nas escolas. Ao indagar sobre o que profissionais da Educação podem aprender em expedição ao espaço de trabalho do artista contemporâneo, o artigo apresenta a função e as possibilidades de desdobramentos do ateliê hoje, explana sobre a produção do artista, descreve os passos percorridos – os quais incluem o pré-campo, a apreciação do acervo de obras, o bate-papo com o artista e a oficina de criação – e avalia resultados para a formação de professores/as, com base nas reflexões dos/das estudantes.

Movida pela importância da arte e da cultura para estudantes universitários/as com “a expectativa de ampliar a vivência dos estudantes com a dimensão do estético e do sensível”, Francione Oliveira de Carvalho (Universidade Federal de Juiz de Fora) elege uma disciplina para aprofundar em seu texto “*A arte e a cultura afro-brasileira como descentramento sensorial na Pedagogia*”. A disciplina é oferecida às licenciaturas de Pedagogia, Artes Visuais e História, trazendo temas complexos, impulsionados pela estimulante diversidade dos estudantes, como corpo, cultura, raça, memória, acervos e patrimônio. Temas vividos em um exercício etnográfico coletivo no centro da cidade de Juiz de Fora, em viagens para outras cidades brasileiras, com a possibilidade de perceber como a cultura afrodescendente se perpetua a partir do Programa Territórios Educativos, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação, em vivências em galerias com artistas, curadores, no experimentar a criação artística como produção de poéticas e sentidos também expressas nos relatórios e nas reflexões dos/as estudantes. Francione confirma que “a formação de um professor é algo inacabado e que sempre dialogará com a incerteza. Incerteza do acerto, do erro, do término, da continuidade, do que se foi ou do que ficou neles, em mim, em nós.”

O fazer/criar/explorar/provocar/poetizar se torna o mote da parte III. De modo diverso e potente, os textos nos levam a bonecos de pano, à dança, à música, à dança-circular, ao cordel, às histórias na linha de tempo e nos autorretratos. Espaços do ateliê, de um laboratório de arte, do jardim ou mesmo de uma sala transformada, tecem climas abertos à exploração de gestualidades, sonoridades e *insights* perceptivos.

Analice Dutra Pillar (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Rosana Fachel de Medeiros (Secretaria Municipal da Educação de Canoas) reiteram a importância de disciplinas de Arte nos cursos de Pedagogia, uma vez que, na maior parte das escolas brasileiras, é o/a pedagogo/a o/a professor/a responsável por apresentar as linguagens da arte para as crianças da Educação Infantil, dos Anos Iniciais e estudantes da Educação de Jovens e Adultos. No texto *Artes Visuais na Pedagogia: atelier de criação de bonecos de pano*, elegem uma prática vivida com estudantes da disciplina de *Educação e Artes Visuais* no curso de Licenciatura em Pedagogia em ateliês realizados com diferentes turmas ao longo de mais de duas décadas. Problematizando a perspectiva consumista e apresentando bonecos de diversos materiais, de diferentes lugares e de distintas etnias, como as Abayomis, a boneca negra feita com cinco nós, os/as estudantes são convidados/as a criar seus próprios bonecos. São propostos também diálogos com produções da arte contemporânea como os bonecos apresentados na exposição *Labirinto da Moda: uma aventura infantil*, que ocorreu em São Paulo, no SESC Pompéia, em 1995; o projeto *Diário de uma Boneca*, de Lia Menna Barreto, de 1998; as montagens de Johnny Beinart e Chris Jordan, além do livro *De muñeca estereotipada a gente 'normal'*, de Pilar Pérez.

Em *A aventura do "Espalha Brasa": Arte na Pedagogia na Universidade Federal do Ceará*, Luciane Germano Goldberg (Universidade Federal do Ceará (UFC/CE) aborda algumas das práticas, das vivências, das metodologias e dos conteúdos que vem desenvolvendo na disciplina de Arte e Educação do Curso de Pedagogia. Luciane defende a Arte na Pedagogia por acreditar que ter acesso à

arte em todos os níveis de ensino é um direito de todos/as ao autoconhecimento pela via sensível, pela criação e pela expressão de nossa singularidade, ao olhar estético/poético das realidades. Além disso, por compreender que arte é conhecimento de que estudantes de Pedagogia precisam para saber respeitar as crianças em suas criações, expressão, processo criativo. Ela verifica a importância de se considerarem os conhecimentos prévios dos/as estudantes e seus contextos culturais e nos apresenta a forma pela qual realiza, em suas práticas docentes, a construção de metodologias participativas, processuais e vivenciais, tais como seus já renomados trabalhos com a chamada *Linha do Tempo* – que desde 2008 possibilitou a mais de 1000 estudantes a reflexão sobre suas experiências formativas em Arte – e com o *Autorretrato*, inspirado na obra do artista contemporâneo brasileiro Vik Muniz e na Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa.

Desde 2012, Monique Traverzim (Centro Universitário Campo Limpo Paulista) tem impulsionado experiências com educação musical no curso de Pedagogia, na disciplina *Cuidar, Educar e Brincar na Educação Infantil*. A professora observa que o brincar supera a dicotomia entre cuidar e educar, pois “a brincadeira traz conhecimentos a respeito de si próprio – de suas habilidades físicas, emocionais e afetivas –, conhecimentos a respeito do outro e a respeito do mundo que o circunda”. Em *Brincando com música em um curso de Pedagogia*, Monique apresenta como as descobertas e os mergulhos na linguagem musical foram sendo descobertos nas parlendas, nas quadrinhas, nas fórmulas de escolha, nos jogos de mãos, nas brincadeiras de roda, nas rodas com nome, ampliadas pelas partituras e pelos repertórios de diferentes culturas, além de brincadeiras originais criadas por elas. A discussão sobre a qualidade musical das canções e das brincadeiras disponíveis em gravações de áudio e vídeo, a escuta de diferentes materiais e a leitura de textos envolvem as/os estudantes no processo de musicalização vivido.

Sabedora de que seria muito difícil, se não impossível, o/a professor/a encorajar a criança a viver uma aventura que ele/ela mesmo/a não experimentou, no artigo *Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente*, Luciana Esmeralda Ostetto (Universidade Federal Fluminense) tece uma suave narrativa sobre a docência no curso de Pedagogia, iniciada nos anos de 1990, que deu partida a seu movimento de ir em busca da arte. Hoje, atuando com as artes em duas disciplinas, denominadas *Atividades Culturais e Tópicos especiais em Educação Infantil*, trabalha com a temática das Danças Circulares, possibilitando o encontro com diferentes culturas e tradições, com destaque para simbolismos presentes nas danças circulares dos povos e sua relação com a educação. Além disso, tem a possibilidade de privilegiar a dimensão criadora do educador em formação, na articulação de saberes e de fazeres relacionados à arte e às linguagens expressivas da criança. A professora-pesquisadora descreve as propostas pedagógicas que realiza, ofertando grande riqueza de inspirações, materiais, percursos, os quais reconhecem e acolhem a estética, as culturas e as artes como uma das dimensões importantes para a vida humana e para a formação de professores/as.

Com Ana Cristina de Moraes (Universidade Estadual do Ceará), falamos de Arte na Pedagogia por meio deste artefato cultural vivo e brincante, especialmente no Nordeste do Brasil, da literatura de cordel. O artigo *Formação docente e literatura de cordel em oficinas didático-investigativas*, reflete sobre a interseção entre Formação Docente, Literatura de Cordel e Aula-oficina como possibilidade formativa de graduandos da disciplina *Arte-educação* no curso de Pedagogia de uma universidade pública cearense. Por meio de aulas-oficinas, a autora analisa como experimentações estéticas envolvendo Folhetos de Cordel (enfocando os poemas e as xilogravuras), vivenciadas pelos/as licenciandos/as, reverberam em sua formação docente. Com base em suas práticas e pesquisas, Ana Cristina verifica o quanto a disciplina de Arte proporciona acesso a um universo cultural importante para a formação de futuros docentes e destaca aspectos relevantes e imprescindíveis ao processo estético-formativo desses estudantes. Ela revela que

os saberes estéticos interferem significativamente na formação de pedagogas/os, possibilitando a dilatação de sua expressividade, criatividade e autonomia. Seu artigo aponta poeticamente para o fato de, no atual contexto, em que parece prevalecer o culto à violência, à falta de ética, “trazer à tona o tema da educação estética é algo de inquestionável relevância, pois a educação está carecendo de pilares estéticos que a sustentem e a recriem”.

Uma ação com a escola e não para a escola. Esse pensamento parece estar na base do projeto curricular do curso de Pedagogia que Betania Libanio Dantas de Araújo (Universidade Federal de São Paulo) expõe em *O que não pode ser escrito merece ser vivido?*. A criação do Laboratório de Artes (Labart) como um espaço múltiplo exemplifica, entre outras ações, “um percurso marcado por bastante aventura, onde suportes, materiais e proposições nascem das artes visuais, mas dialogam e interagem com as outras áreas de conhecimento que compõem o campo formativo do pedagogo”. Nesse percurso, muitos são os projetos que incluem portfólios e memoriais, visitas a museus, pesquisas envolvendo forças imaginantes a impulsionar a criatividade.

Finalizamos na parte IV, com textos que voltam seu olhar no tempo, por uma perspectiva particular escrita na intimidade de uma carta, por um foco em duas incríveis mulheres e por uma pesquisa que fornece amplo mapeamento e o estado da arte da Arte na Pedagogia.

É com uma carta que Anna Rita Ferreira de Araújo (Universidade Federal de Goiás) nos conta experiências e reflexões providas do exercício docente das disciplinas de Arte no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFG. Na sua *Carta aos professores(as) de artes e pedagogos(as): diálogos entre Annas, Aninhas e Coras*, mesclando poemas, documentos oficiais, proposições e avaliações, Anna Rita quer nos “contar ao pé do ouvido” algumas das aventuras vividas nos períodos de 2004 a 2008 e de 2012 a 2019, entremeados pelo período de licença para o seu doutoramento. O *Conto da Torneira*, os desenhos com retalhos, as pesquisas sobre

o desenho infantil e a leitura e a recepção da imagem artística, os roteiros para análises de exposições de arte e peças teatrais, a avaliação do processo eram ações para superar a compreensão muito comum entre os pedagogos da arte como “ferramenta para”, como facilitadora da aprendizagem. Não era sua pretensão formar professores/as aptos/as para a docência em Arte na escola, pois nunca acreditou nessa possibilidade frente à realidade em que vivemos, mas “queria terminar cada jornada com sujeitos dispostos a se dedicarem à arte e a desejarem enquanto presença em suas vidas e na vida das pessoas. Caberia a cada um achar, de forma livre e liberta, os meios e caminhos para tal”. Lá e aqui, Anna Rita oferece setas, bússolas para desobstruir territórios.

O artigo *Dizer sim à existência é o que podemos aprender – pelos caminhos da Arte – com Noemia de Araújo Varela e Nise Magalhães da Silveira*, escrito por Fernando Antonio Gonçalves de Azevedo, Clarissa Martins de Araújo e Ana Maria Tavares Duarte (Universidade Federal de Pernambuco, UFPE), revela os aprendizados construídos com Noemia Varela e Nise da Silveira e suas contribuições para o campo da Arteducação como espaço vivo de estudo e pesquisa de forte caráter pós-colonialista, ou seja, um campo de conhecimento que possui como princípio o diálogo intercultural, no qual os pensares e os fazeres das mulheres exercem um importante protagonismo. O texto conta suas histórias de enfrentamento de preconceitos de uma sociedade que não via com um olhar simpático as mulheres que escolhiam modos de pensar, agir e viver diferenciados dos padrões estabelecidos. A aproximação entre elas é observada como um indicativo de caminhos para uma sociedade inclusiva, sendo construída passo a passo, por meio da concepção de Arteducação que emancipa e liberta, à medida que respeita os variados modos de construções culturais das minorias.

O artigo *Mapeamento dos cursos de Pedagogia e do estado da arte sobre indicadores da Arte na Pedagogia*, escrito por Ana Luiza Ruschel Nunes e Andréia Bulaty (Universidade Estadual de Ponta Grossa), faz o mapeamento (identificação, localização e descrição dos cursos), descreve e sistematiza os cursos de

licenciatura em Pedagogia no Brasil e o estado da arte e do conhecimento das produções acadêmicas sobre a Arte na Pedagogia no período de 2006 a 2018. As autoras fazem um inventário sobre os cursos no Brasil e no Estado do Paraná, neste caso, para compreender a realidade em que atuam. O artigo apresenta extensos dados e análises e questiona se curso de Pedagogia tem contribuído para uma formação cultural dos/as professores/as para atuarem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Os resultados da pesquisa contribuem em grande medida para um maior entendimento de aspectos, dimensões e tendências do campo, demonstrando que a Arte é uma área ainda a ser investigada na Pedagogia, necessitando de mais pesquisas que a problematizem, com temas que abranjam os âmbitos epistemológicos em suas diferentes expressões e linguagens das Artes Visuais, da Dança, da Música, do Teatro e suas hibridizações. As autoras afirmam que os esforços de pesquisa nesse campo são feitos no sentido de conhecermos as produções e avançarmos no que ainda não foi estudado e pesquisado, perpassando o já conhecido para compreender o não visível, ou aquilo que para nós, pesquisadores/as, ainda estava oculto ou, ainda, da invisibilidade da arte nos currículos dos cursos de Pedagogia.

Ao juntar toda a rica matéria que aqui se apresenta, ao vislumbrar a potência de tantas ações, conceitos, ideias, ao sermos impactadas pela necessidade cada vez mais urgente de formar professores/as abertos/as ao contexto contemporâneo e atentos/as aos aprendizes com que trabalharão daqui para frente, retomamos as palavras do poeta Manoel de Barros (2011). Privilégio dos ventos! Não é à toa que uma palavra brilhou em muitos textos, inclusive no prefácio de Ana Mae Barbosa: surpresa. Surpresa espanto, surpresa estranhamento, surpresa alegria, surpresa descoberta, surpresa lembrança, surpresas!

Berman, citado por Carl Leggo e Rita Irwin (2013, p. 153), descreve cinco qualidades do/a professor/a como poeta, e “deliciar-se com a surpresa” é uma delas. Dar voz ao não dito, acolher o mistério, conectar diálogos entre coração/mente e tornar-se testemunha são as demais. Privilégio semear

surpresas, privilégio ter tantos pensadores juntos neste dossiê aos quais agora agradecemos pela parceria, pela generosidade e por alimentar o esperar!

Queremos agradecer aos autores e às autoras que enviaram artigos para compor este dossiê, aos pareceristas e à artista e professora Dra. Umbelina Barreto pela linda capa.

## Referências

BARROS, Manoel de. *Escritos em verbal de ave*. São Paulo: Leya, 2011.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. *Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

LEGO, Carl; IRWIN, Rita. *A/r/tography: always in process*. In: ALBERS, Peggy; HOLBROOK, Teri; FLINT, Amy Seely (ed.). *New methods in Literacy Research*. New York: Routledge, 2013. p. 150-162.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. A Arte na Pedagogia e a formação do professor para Educação Infantil e Anos Iniciais: inquietações e esperanças. *Revista Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 6, n. 2 p. 23-36, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8350>. Acesso em: 16 abr. 2021.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Um fio narrativo de histórias: professoras pioneiras das artes visuais no curso de Pedagogia. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 116-132, abr. 2020. ISSN 2357-9854. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/96953/56559>. Acesso em: 16 abr. 2021.

**Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi<sup>1</sup>**

(Universidade Federal de São Carlos — UFSCar, Sorocaba/SP, Brasil)

**Dra. Mirian Celeste Martins<sup>2</sup>**

(Universidade Presbiteriana Mackenzie — MACKENZIE, São Paulo/SP, Brasil)

Organizadoras do presente número

<sup>1</sup> Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos/Campus Sorocaba, onde lidera o GIAPE – Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais. Vice-líder do GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. Membro do Fórum de Educação Infantil de Sorocaba e Região. Mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação/USP.

- <sup>2</sup> Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Pedagogia e na Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica. Mestre em Artes e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Líder dos grupos de pesquisa em Mediação Cultural: Contaminações e Provocações Estéticas (GPeMC) e Arte na Pedagogia (GPAP).